



ACÇÃO SOCIALISTA

EUROPEIAS 2014
VOTAR PELA MUDANÇA

PÁG. 8 E 9



CARLOS ZORRINHO
**“ESTAMOS MAIS
PREPARADOS PARA
GOVERNAR PORTUGAL”**

PÁG. 6 E 7



CONVENÇÃO NOVO RUMO

**CONTRATO DE
CONFIANÇA COM
OS PORTUGUESES**

PÁGS. 2 A 5



EUROPEIAS 2014

**CONFIANÇA
NA MUDANÇA**

25 DE MAIO
VOTE PS



CONVENÇÃO NOVO RUMO

Seguro apresenta contrato de confiança

Um Governo do PS não aumentará a carga fiscal, acabará com a TSU dos pensionistas, revogará os cortes retroativos do complemento solidário para idosos e não permitirá mais despedimentos na função pública. Estes foram os principais compromissos assumidos pelo secretário-geral, António José Seguro, no discurso de encerramento da Convenção “Um Novo Rumo para Portugal”, ocasião em que apresentou as propostas constantes no “Contrato de Confiança”, documento que contém as bases programáticas de um futuro Executivo socialista.



“REPITO: Não aumentarei a carga fiscal”, declarou o líder do PS, no passado dia 17, perante cerca de 1500 pessoas, admitindo que, para alguns cidadãos, este compromisso poderá parecer pouco. “Mas, será a primeira vez que um Governo empossado neste século não aumentará a carga fiscal em Portugal”, afirmou Seguro, sublinhando que “os portugueses estão sobrecarregados de impostos”. “ Fizemos as contas. Não aumentaremos os impostos”, vincou, num período da sua intervenção em que destacava 15 dos 80 objetivos políticos constantes no “Contrato de Confiança” (ver caixa).

Assumindo a recuperação do rendimento dos portugueses como primeira meta de um Governo por si liderado, António José Seguro comprometeu-se a acabar com “a TSU dos pensionistas”, eliminando a contribuição de sustentabilidade que se aplicará aos reformados a partir de 2015, e os “cortes retroativos no complemento solidário para idosos”. Disse também que um Governo socialista não fará despedimentos na Função Pública, procedendo, em contrapartida, a “um acordo de con-

certação estratégica de médio prazo” e a um “aumento do salário mínimo nacional”. Das medidas constantes no “Contrato de Confiança”, o secretário-geral do PS destacou o plano de reindustrialização (ver caixa), que visa colocar o sector secundário “no centro da economia” portuguesa. Ainda no campo do trabalho, Seguro reiterou a ideia de celebrar um pacto para o emprego com um carácter de médio prazo, juntando trabalhadores, empresas, instituições e entidades vocacionadas para a educação e formação.

Respeitar a Constituição

Na parte final da apresentação

das suas propostas, o secretário-geral do PS referiu que todas as políticas públicas que desenvolver “estarão subordinadas ao crivo da sustentabilidade”. “Faremos uma consolidação virtuosa das contas públicas de acordo com o desempenho da economia. É neste espírito de rigor e tendo em vista aliviar o sacrifício dos portugueses que reafirmo, uma vez mais, a necessidade de renegociarmos as condições da dívida pública” declarou, recebendo palmas da plateia. No seu discurso, António José Seguro deixou ainda mais uma promessa, caso seja primeiro-ministro: “Governaremos no respeito pela Constituição da

República”. “Em situação normal não seria necessário dizê-lo, mas temos um Governo que permanentemente afronta a Lei Fundamental”, lamentou, criticando veementemente o Governo por ter “traído” a confiança dos portugueses ao fazer “exatamente o contrário” do que prometera. E, advogou, o voto não pode ser encarado como um cheque em branco. “O voto vincula os governos ao cumprimento das suas promessas eleitorais”, disse, apelando de seguida ao voto útil nas eleições europeias, sem deixar de manifestar a sua preocupação com a abstenção nas próximas eleições europeias de 25 de maio.

“Sei da desilusão e do desencanto de muitos com a política, mas é com frontalidade que vos digo: A abstenção é que deixa tudo na mesma. E a pergunta que vos faço é simples: Querem que tudo fique na mesma em Portugal e na Europa?”, questionou o líder socialista.

Neste contexto, Seguro apelou à concentração de votos na “mudança responsável que só o PS pode protagonizar”. “Só o PS pode derrotar o Governo e a política de empobrecimento e de sofrimento”, crescendo tanto à sua esquerda como à sua direita, e estabelecer uma nova agenda para uma nova Europa, concluiu. ■ **M.R.**

500

Foi o número de propostas que chegaram ao site “Um Novo Rumo para Portugal” e que, tal como as conclusões de cada conferência, são contributos para o Contrato de Confiança agora apresentado

10.000

Foi o número de pessoas envolvidas desde janeiro nas 34 conferências nacionais e dezenas de outras iniciativas e grupos de trabalho inseridos na Convenção “Um Novo Rumo para Portugal”

PLANO DE REINDUSTRIALIZAÇÃO 4.0

O Plano de Reindustrialização 4.0 será a alavanca central para outra política económica, uma economia diferente, que sobe na cadeia de valor, que gera emprego qualificado, aposta em salários industriais médios elevados, sem deixar ninguém para trás, num país mais próspero, com mais oportunidades para todos. Mas é também um instrumento fundamental para que as exportações atinjam 50% do PIB até 2020

VOTE NA MUDANÇA

CONTRATO DE CONFIANÇA 15 COMPROMISSOS

- 1 Acabar com a TSU dos pensionistas**
Esta contribuição de Sustentabilidade criada pelo atual Governo não é mais do que um corte retroativo nas pensões de milhares de portugueses
- 2 Revogar os cortes no Complemento Solidário de Idosos**
Os cortes chegaram mesmo aos idosos mais pobres. Ao contrário do que apregoa, o Governo cortou o Complemento Solidário para Idosos a 33 mil portugueses
- 3 Não despedir na Função Pública**
Não haverá despedimentos de funcionários públicos e iniciaremos a trajetória de recuperação dos rendimentos em função da evolução da economia do país
- 4 Lutar contra a fraude e a evasão fiscal**
Será lançado um programa de luta contra a fraude e evasão fiscal, por forma a reduzir, até eliminar, a sobretaxa do IRS
- 5 Estabelecer um acordo de concertação estratégica**
Um acordo com uma estratégia para o crescimento, aumentando a competitividade das empresas e que progressivamente, de acordo com a economia do país, recupere os rendimentos dos trabalhadores e das famílias
- 6 Apresentar um plano de reindustrialização do país**
Uma estratégia nacional que volte a colocar a indústria no centro da nossa economia
- 7 Criar uma estação oceânica internacional nos Açores**
Fazer nascer nos Açores o novo polo agregador do conhecimento, da investigação, da exploração sustentada dos recursos do mar
- 8 Celebrar um pacto para o emprego**
Celebrar um pacto para o emprego com todos os trabalhadores, instituições de educação-formação, associações profissionais e organismos públicos, por forma a promover investimento, formação e criação de emprego, com vista a valorizar os nossos trabalhadores
- 9 Não aumentar a carga fiscal**
Os portugueses estão sobrecarregados de impostos. Não será aumentada a carga fiscal
- 10 Separar o público e o privado no Serviço Nacional de Saúde**
Aproveitar a capacidade instalada no SNS, separar com clareza o que é público do que é privado, prestando melhores serviços de saúde e serviços de proximidade, alargar a rede de cuidados continuados, com enfoque no apoio domiciliário
- 11 Reduzir para metade a taxa de abandono na escolaridade obrigatória**
Execução de políticas durante uma legislatura que reduzam para metade o abandono escolar precoce
- 12 Recusar o plafonamento das contribuições para a Segurança Social**
Esta é a melhor garantia de que há uma justa repartição de sacrifícios e de benefícios
- 13 Procurar que, no quadro do Tratado Orçamental, o país chegue a um saldo estrutural de 0,5% do PIB**
Todas as políticas públicas serão subordinadas ao crivo da sustentabilidade. Finanças públicas são constituintes de uma condição da nossa liberdade e da nossa soberania
- 14 Promover a reforma do Estado**
Introduzir coerência, clareza nos diferentes níveis do Estado: nacional, regional e local, onde cada um sabe o que faz, sem duplicações, nem conflitos de competências
- 15 Lutar por uma nova agenda para a Europa**
Uma nova agenda de convergência económica e social, com prioridade ao emprego, através de uma coordenação das políticas económicas e sociais dos países do euro

EDITORIAL

A MUDANÇA ESTÁ NO VOTO



MARCOS SÁ

[marcos.sa.1213](https://twitter.com/marcos.sa.1213) [@marcossa5](https://facebook.com/marcossa5)

“É preciso uma mudança em Portugal e na Europa. E o voto a 25 de maio é o primeiro passo para que essa mudança comece a acontecer. Por isso esta é a altura de nos juntarmos todos. E de mobilizarmos todos para o voto no PS!

As eleições de 25 de maio assumem uma importância crucial para se conseguir uma maioria da esquerda democrática em Portugal e na Europa, que consolide uma grande mudança rumo ao progresso.

E só o PS está em condições de ser esse agente de mudança e de alternativa credível à direita que governa o nosso país há três anos e que detém a maioria no Parlamento Europeu.

A derrota do Governo tem de ser clara e só o PS, como nenhum outro partido, está em condições de infligir essa derrota à coligação "Aliança Portugal" formada pelo PSD e CDS.

Neste dia cada um de nós vai ter o poder de mudar, de dizer o que sente e mostrar de forma inequívoca que quer esperança para o nosso futuro coletivo e definição de novas prioridades para o nosso país.

O dia 25 de maio vai ser o dia de arranque de um novo ciclo de mudança. Mas, para isso, é preciso derrotar a indiferença e o descrédito que largas franjas da população sentem face às políticas de empobrecimento, de cortes cegos e de enganos que foram a imagem de marca deste Governo.

A abstenção nas eleições de 25 de maio favorece a direita. Por isso, é preciso uma forte mobilização de todos, militantes e simpatizantes socialistas, para apelar a todos os portugueses que não se reveem nesta política de empobrecimento a votar no nosso projeto e nos nossos candidatos.

É preciso uma mudança em Portugal e na Europa. E o voto a 25 de maio é o primeiro passo para que essa mudança comece a acontecer. Por isso esta é a altura de nos juntarmos todos. E de mobilizarmos todos para o voto no PS! ■

VOTE NA
MUDANÇA

DIA 25 DE MAIO VOTE PS



INTERVENÇÕES UNIDOS PELOS IDEAIS E PELA MUDANÇA

1. "PORTUGAL precisa de um novo contrato de confiança para impulsionar a mudança, mas a Europa também precisa de um novo pacto europeu. Nenhum país, nenhuma pessoa, pode ter sucesso se os parceiros do lado não tiverem oportunidades de sucesso"

MARIA JOÃO RODRIGUES

Professora catedrática e candidata do PS

2. "VIAJEI por todo o país e encontrei pessoas dispostas a participar, a trazer ideias novas. Encontrei uma força e uma esperança muito grande em muitas pessoas. Isso deu-me certeza de que Portugal precisa de um novo rumo"

MANUEL CALDEIRA CABRAL

Economista e professor universitário

3. "SÓ O PS está em condições de protagonizar a mudança política que Portugal e a Europa precisam. Estas eleições europeias que agora vamos disputar são a primeira oportunidade que os portugueses têm de acelerar essa mudança na Europa e em Portugal"

MARCOS PERESTRELLO

Presidente da Federação da Área Urbana de Lisboa.

4. "A LISTA que o Partido Socialista apresenta é reconhecida pela grande qualidade e a grande competência. Tem personalidades que nos dão a garantia absoluta de uma postura responsável. Se não estivermos presentes nas instituições europeias não conseguiremos fazer infletir a política europeia nem criar as alianças necessárias para mudar"

SEIXAS DA COSTA

Diplomata

5. "PRECISAMOS DE UM PROJETO que seja mais solidário, mais humanista, mais atento áquilo que os portugueses necessitam e querem. Esta Convenção fala também da credibilidade de propósitos e de objetivos. Essa credibilidade ganhou-se no debate franco e aberto com milhares de portugueses"

VASCO CORDEIRO

Presidente do Governo Regional dos Açores

6. "NÃO HÁ MAIS uma divisão estanque entre a política europeia e nacional. O que for o nosso projeto para a Europa é também o nosso projeto para Portugal. O sucesso de um está dependente do sucesso do outro."

ANTÓNIO VITORINO

Mandatário nacional às eleições europeias

7. "NA UNIÃO EUROPEIA somos sócios e cada um tem de defender os seus interesses. Cabe a Portugal defender os seus interesses e os interesses dos portugueses. Temos de saber o que queremos da zona euro e temos também uma escolha a fazer sobre a nossa visão do futuro de Portugal na Europa"

ANTÓNIO COSTA

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

8. "A PERSPETIVA SOCIAL deste Governo é limitar o Estado ao mínimo. Um Estado que apenas garante os mínimos de sobrevivência para os mais pobres. Isso não é o que está na Constituição."

JORGE NOVAIS

Constitucionalista e professor universitário

9. "TEMOS UM PAÍS que vive numa crise de regime político. A desconfiança em relação ao sistema democrático nunca atingiu níveis tão negativos. Temos de perceber que as oportunidades para a democracia podem um dia terminar. Não podemos voltar acriar expectativas que não possamos cumprir. A política do Partido Socialista nestes três anos consubstanciou uma promessa: O Partido Socialista não fará igual. Estaremos contra a austeridade"

EDUARDO FERRO RODRIGUES

Vice-presidente da AR e ex-secretário-geral do PS

10. "NÃO PODIA HAVER nome mais adequado para a Convenção. É isso que a situação exige: um novo rumo. É mesmo preciso um novo rumo para Portugal e para a Europa. É preciso uma estratégia política para derrotar a crise e é preciso pôr em prática uma estratégia nacional e europeia para dar a volta a este mau momento"

MANUEL MACHADO

Presidente da Câmara Municipal de Coimbra e da ANMP

11. "É PRECISO QUESTIONAR as ortodoxias neoliberais que falharam. Chegou a altura de redefinir uma agenda europeia de mudança, que coloque todos os países na senda do crescimento. Nada nos fará vacilar na luta por uma Europa nova e um novo rumo para Portugal"

JORGE SAMPAIO

Antigo Presidente da República e ex-secretário-geral do PS

12. "TEMOS UMA DEGRADAÇÃO como nunca se viu no Serviço Nacional de Saúde. O Partido Socialista tem responsabilidade pelos melhores momentos do SNS, não só com António Arnaut, mas também com Maria de Belém Roseira, Correia de Campos e Ana Jorge. O SNS tem de ser devolvido as pessoas. Precisamos de um novo rumo para a saúde."

ADALBERTO CAMPOS FERNANDES

Médico e gestor hospitalar

13. "PRECISAMOS DE TRAVAR ESTE RAPAZ [Pedro Passos Coelho], de o travar a fundo com urgência e determinação. Vivemos um momento histórico desde 1974. Portugal nunca tinha conhecido um governo tão agressivo e tão selvagem que ataca todas as conquistas"

JOANA AMARAL DIAS

Psicóloga e ex-dirigente do Bloco de Esquerda

14. "A RIQUEZA DA EUROPA está na diversidade das suas nações e das suas culturas. Não se pode

construir a Europa sem as suas nações ou contra elas. A Europa tem de ter em conta a especificidade dos seus países"

MANUEL ALEGRE

Poeta, ex-vice-presidente da AR

15. "O BALANÇO DE TRÊS ANOS de política de austeridade é hoje claro: o aumento da exclusão social e da pobreza e o acentuar das desigualdades. O Estado não se pode desresponsabilizar do combate à pobreza e à exclusão social. A erradicação da pobreza exige um novo contrato social."

CARLOS FARINHA RODRIGUES

Professor universitário

16. "O NOVO RUMO para a mudança é seguramente uma urgência, uma esperança, uma grande necessidade. É urgente a mudança."

ALBERTO MARTINS

Presidente do GP/PS

17. "OLHANDO PARA ESTES TRÊS ANOS, vislumbramos uma ausência absoluta de uma visão para o desenvolvimento e um ataque sem precedentes aos poderes locais e regionais. Este governo não sabe o que está a fazer em termos de reforma da administração do Estado."

JOSÉ LUÍS CARNEIRO

Presidente da ANA/PS

18. "TEMOS PROPOSTAS CONCRETAS para a Europa. Queremos uma visão da Europa como sujeito político fortemente interveniente no mundo. Uma Europa empenhada em projetar no mundo o melhor de si própria. É possível outra Europa que saiba recuperar os seus princípios fundadores, que não aceite esta divisão entre ricos e pobres"

FRANCISCO ASSIS

Cabeça de lista do PS às eleições europeias

19. "ESTOU AQUI PORQUE TENHO MEMÓRIA e porque quero que Portugal tenha futuro. Sem esperança no futuro dos nossos jovens não vamos conseguir que o país possa sobreviver. O investimento no ensino superior continua numa fase muito atrasada. É fundamental que os programas europeus possam continuar a canalizar verbas para Portugal"

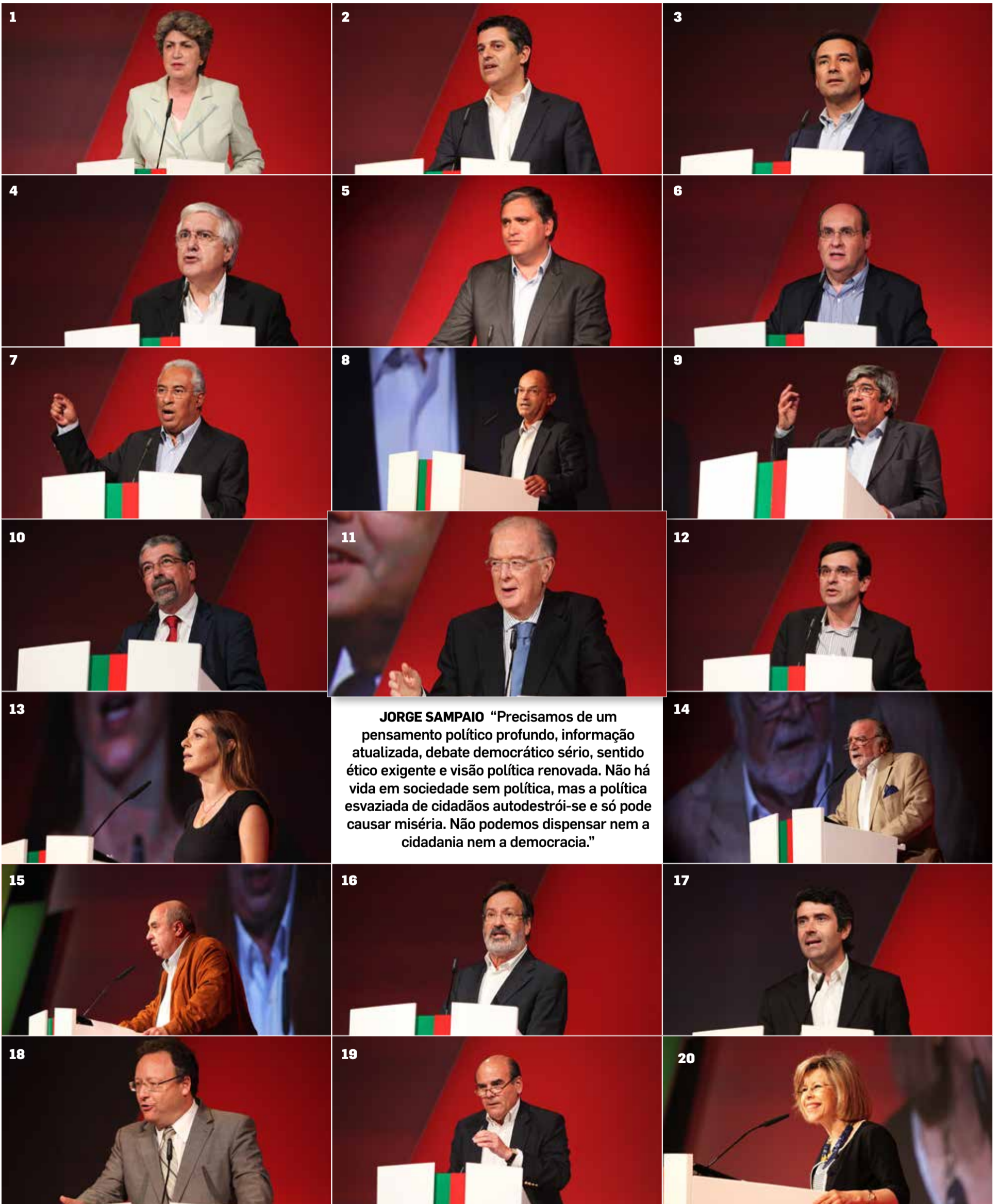
ANTÓNIO RENDAS

Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e reitor da Universidade Nova de Lisboa

19. "O ROLO COMPRESSOR DA AUSTERIDADE já demonstrou que, para além da impiedade, tem capacidade destruidora e promove as desigualdades. Estamos aqui hoje para afirmar bem alto que não queremos ir por aí e que somos donos e senhores de nós próprios."

MARIA DE BELÉM

Presidente do PS



ENTREVISTA A CARLOS ZORRINHO

“Estamos mais preparados para governar Portugal”

Terceiro na lista do PS ao Parlamento Europeu, e coordenador do LIPP, Carlos Zorrinho diz que o PS, quando chegar ao Governo, tem que reformar o Estado, o que implicará “algumas ruturas” com os atuais modelos. Isso significa, como garante, caminhos mais eficientes e eficazes para garantir as funções do Estado num quadro de justiça e igualdade de acesso. **RUI SOLANO DE ALMEIDA**

PODE DIZER-SE que a Convenção Novo Rumo para Portugal visa a contribuição do PS contra o recuo civilizacional das políticas do atual Governo?

Sim. Visam a contribuição do PS, mas também a mobilização da sociedade civil contra as políticas de empobrecimento e pela preparação de uma alternativa forte e consistente. Em articulação com o Laboratório de Ideias e Propostas para Portugal (LIPP) realizámos mais de 30 conferências nacionais e 18 conferências regionais. Abordámos os temas determinantes para que Portugal possa voltar ao crescimento e ao emprego. Estamos cada vez mais preparados para governar Portugal num quadro europeu de grande complexidade e esperança.

Que políticas públicas pode o país esperar destes encontros nacionais do Novo Rumo para Portugal?

A Convenção Novo Rumo arrancou a partir de uma declaração subscrita por 5000 pessoas. O trabalho coleti-

vo permitiu-nos chegar a um contrato de confiança com cinco prioridades e múltiplos compromissos. Juntos, construímos as bases do novo programa de governo com que vamos ganhar as próximas legislativas e recolocar Portugal numa trajetória de desenvolvimento.

Nestes encontros vários participantes têm defendido ruturas pensadas, por exemplo com alguns privilégios existentes na sociedade portuguesa. Pensa que essas ruturas devem ser também estendidas às funções do Estado?

O atual Governo não fez nenhuma reforma do Estado. Limitou-se a fazer cortes em despesas que estavam mais a jeito e em direitos cujos titulares estavam mais indefesos. O PS tem consciência que, no seu Governo, tem que reformar o Estado e isso implicará algumas ruturas com modelos de funcionamento e de organização, para implantar formas mais eficientes e eficazes de garantir as funções

do Estado, num quadro de justiça e igualdade de acesso.

Em que medida as propostas apresentadas nas diversas conferências nacionais contam para a elaboração do Contrato de Confiança agora anunciado?

Foram determinantes. As mais de duas centenas de propostas concretas extraídas dessas iniciativas foram muito inspiradoras para o Contrato de Confiança e, sobretudo, desenvolveram uma plataforma participativa que queremos alargar, para que a um contrato de confiança possamos somar uma democracia de confiança geradora duma alternativa forte e alargada ao atual Governo.

Que contributos podem os portugueses esperar dos eleitos do PS no Parlamento Europeu que sejam capazes de romper com esta política de austeridade radical?

Temos uma lista paritária e de grande qualidade. Concorremos com base em programas ambiciosos de transformação,





“A Convenção Novo Rumo arrancou com uma declaração subscrita por 5000 pessoas. Juntos construímos as bases do novo programa de Governo com que vamos ganhar as próximas legislativas”

“O atual Governo não fez nenhuma reforma do Estado. Limitou-se a fazer cortes em despesas que estavam mais a jeito e em direitos cujos titulares estavam mais indefesos”

“Temos uma lista paritária e de grande qualidade. Queremos uma Europa inteligente, verde e inclusiva. Uma Europa das pessoas e não dos bancos e dos especuladores financeiros”

como são o manifesto do Partido Socialista Europeu (PES) e o nosso manifesto de candidatura. Daremos voz a Portugal na Europa, defendendo o interesse nacional no quadro mais vasto do interesse europeu. Queremos uma Europa inteligente, verde e inclusiva. Uma Europa das pessoas e não uma Europa dos bancos e dos especuladores financeiros.

O PS tem vindo a reclamar por uma Europa que volte aos seus valores originais. Isto significa o quê?

Significa dar prioridade aos valores fundadores. Aos princípios humanistas. À procura constante da paz. À solidariedade e à cooperação na gestão dos ciclos políticos e económicos.

O Tratado Orçamental que Portugal subscreveu não representa um garrote às políticas de crescimento económico?

Isso só acontecerá se prevalecer uma visão contabilística da aplicação do Tratado Orçamental. Com apostas for-

tes na economia e na qualificação, o equilíbrio das contas públicas é saudável. Só não é se for conseguido à conta do empobrecimento, da asfixia da economia e da captura dos Estados pelos interesses imediatos dos credores.

Martin Schulz defende que a luta contra o desemprego, especialmente jovem, tem de ser a principal prioridade para os socialistas europeus. Concorda?

Concordo. Uma luta que não se vence criando falsos empregos, mas antes dando aos jovens todas as condições para criarem valor e se inserirem nas dinâmicas económicas e sociais da sociedade moderna. Todos são necessários para recolocar Portugal e a Europa na rota da afirmação como potência exemplar e referência de uma globalização humanistas. Os jovens em particular têm que sentir o projeto europeu como seu. Como um espaço de realização pessoal e não como um território de punição e peso-delo. ■



Seguro apela ao voto no PS

António José Seguro e o cabeça de lista ao Parlamento Europeu (PE), Francisco Assis, têm vindo a enfatizar nesta campanha eleitoral a importância das eleições de 25 de maio para mudar a Europa e o Governo português.

O LÍDER SOCIALISTA, António José Seguro, lembra que "quantos mais votos o PS obtiver, maior será a derrota do Governo", reafirmando que só o PS está em condições de travar a atual política de cortes cegos e de austeridade de engano. Nenhum outro partido "está em condições de infligir uma derrota à direita" sustenta, apelando aos defensores do Estado Social, na saúde, na segurança social e na educação a votarem PS, lembrando que estas eleições "não têm a ver com os políticos, mas com o país". Seguro apela ainda ao voto contra a abstenção, realçando que em democracia "cada um tem o poder de mudar". Não hesita, por isso, em afirmar que a todos os que consideram que Portugal está agora melhor do que há três anos só lhes resta um caminho, que é votar nos partidos do Governo. Mas, aos que consideram que o país está pior e os portugueses mais pobres, então "só têm uma possibili-

dade para derrotar o Governo", que é votar no PS, o "único partido que pode derrotar a coligação de direita". Garante que, para além do desemprego, sobretudo o desemprego jovem, que merecerá por parte do PS, em Portugal e na Europa, "uma especial atenção", existem outras prioridades como a disciplina orçamental "que deve ser combinada com investimento estratégico no crescimento, na investigação e no desenvolvimento económico". Francisco Assis acusa o Governo de ser o "mais extremista desde o 25 de abril de 1974", estando por isso a pôr em causa o "tradicional consenso social". Defende que a alternativa deve basear-se num caminho "exequível" dentro da União Económica e Monetária, recomendando "pudor" aos candidatos da direita a pararem com as "mensagens de euforia" com a saída da troika. O cabeça de lista do PS ao PE

não tem dúvida que os portugueses estão "cansados deste Governo" que "já está a mais", uma perplexidade que se justifica porque "já ninguém acredita na palavra dos principais membros deste Governo".

Só o voto no PS derrota a direita

O caminho que Assis defende para combater esta desconfiança "é falar verdade aos portugueses", não iludindo os problemas com que o país se depara, propondo alternativas e solu-

ções e mostrando-se disponível para compromissos em torno de alterações profundas, "como o PS sempre se mostrou". O cabeça de lista do PS às europeias lamentou a queda de 0,7% do PIB no primeiro trimestre face aos três meses anteriores, dados entretanto divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), demonstrando assim, como salienta, que a tão apregoada recuperação económica "não mostra nenhuma consistência". O número um do PS às euro-

peias diz-se ainda preocupado com a possível elevada abstenção no sufrágio de 25 de maio, afirmando que o PS tem a "responsabilidade histórica" de devolver a confiança aos portugueses. Assis acusa a direita de querer voltar aos tempos de pobreza e das desigualdades, sublinhando que, para o PS, um dos mais graves erros deste Governo consistiu na demonização de tudo o que é público. Uma demonização, como realça, que vai do ataque feroz aos funcionários públicos, passando pelos pensionistas até à desvalorização de qualquer política séria de infraestruturas públicas do país, uma postura que tem contribuído indubitavelmente para o "acelerado empobrecimento de Portugal nestes últimos três anos". Ao invés, garante, o PS defende que o investimento público é bom porque "está ao serviço da sociedade e ajuda a estimular o investimento privado". ■ **R.S.A.**

ANTÓNIO JOSÉ SEGURO

"Chega de austeridade, de cortes cegos e de sacrifícios sem limites e sem resultados"

FRANCISCO ASSIS

"Este Governo é o mais extremista desde o 25 de abril de 1974"



MARTIN SCHULZ EM PORTUGAL

Luta contra desemprego deve ser a maior prioridade da Europa

O candidato do Partido Socialista Europeu (PSE) à Comissão Europeia, Martin Schulz, voltou a Portugal para um périplo de visitas e encontros pelo país, durante o qual apelou ao voto no próximo dia 25, ao investimento nas PME's e deixou um repto extensivo a todos os europeus: lutar contra o desemprego.



MARTIN SCHULZ elogiou o potencial de Portugal e lembrou a coragem dos portugueses, numa alusão à época dos Descobrimentos. E aproveitou a visita para lançar um repto a todos os europeus: "A luta contra o desemprego tem de ser a maior prioridade na Europa".

O atual presidente do Parlamento Europeu explicou a sua visão para a Europa: "A União precisa de igualdade, respeito mútuo e luta contra a evasão fiscal, bem como de crescimento sustentável através de disciplina orçamental e investimento estratégico."

Schulz contou uma história pes-

soal para demonstrar a sua gratidão e admiração pelos portugueses. "Quando fui eleito presidente pude escolher uma peça de decoração para o meu gabinete. Escolhi um modelo da caravela de Bartolomeu Dias porque os marinheiros portugueses foram pessoas excecionais, muito corajosas e curiosas para conhecer o novo mundo", afirmou.

A viagem de Schulz começou com uma visita às instalações da Siemens, em Alfragide, com António José Seguro, Francisco Assis, e vários candidatos socialistas a eurodeputados, reunindo-se com o Conselho de Administração da empresa, que

recentemente inaugurou um Centro de Competências.

Durante a manhã, o candidato do PSE visitou ainda a Cáritas Diocesana de Setúbal, onde conversou com crianças, idosos e desempregados. Na instituição, Martin Schulz conheceu o projeto CAV - Centro de Apoio à Vida, que dá apoio a jovens mães e garantiu que a União Europeia tem programas que apoiam financeiramente este tipo de projetos. "Temos de honrar a Cáritas e apoiá-la", salientou, deixando uma garantia: "Se for presidente da Comissão Europeia vou lutar por todos os europeus sem exceção", assegurou.

Schulz percorreu ainda várias ruas da baixa de Lisboa e aproveitou para visitar alguns locais emblemáticos da capital. A tarde de 6 de maio contou com uma paragem no café "A Brasileira", onde recebeu, do grupo de ativistas Knock the Vote, uma sardinha de pano com as bandeiras de Portugal e da União Europeia. Acompanhado pelo secretário-geral do Partido Socialista, pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, por dezenas de apoiantes e por vários candidatos do Partido Socialista às eleições de 25 de maio, a descida do Chiado prosseguiu com uma visita à Livraria Bertrand, onde

Schulz conversou com o candidato socialista Eduardo Lourenço. Depois visitou também a Start Up Lisboa, um centro que reúne empreendedores e prima pela criatividade e inovação. "Este é um exemplo que a Europa deve seguir. Precisamos de uma mudança de mentalidade e de investir nas Pequenas e Médias Empresas", salientou.

A ação em Lisboa terminou com uma visita à Fundação José Saramago, onde Martin Schulz elogiou a coleção e contou histórias sobre a sua relação com algumas das personalidades que se cruzaram com o escritor português. ■ MR

SEGURO E SHULZ EM SINTONIA

Numa declaração conjunta aos jornalistas, António José Seguro destacou o conhecimento que Martin Schulz tem acerca da Europa e de Portugal.

"E é por isso que apoiamos a candidatura e porque conhece os problemas e as potencialidades do nosso país", disse Seguro, acrescentando que o "candidato tem as prioridades bem definidas": criação de emprego, sobretudo para os mais jovens.

"Martim Schulz é um homem inconformado, um europeu que não se resigna, tem uma capacidade enorme de transformar, e a Europa precisa de ser transformada".

António José Seguro defende que é preciso "corrigir os desequilíbrios da

zona euro", ter um Banco Central Europeu "com todas as competências de bancos centrais, incluindo a capacidade de emprestar dinheiro aos Estados", e encontrar "soluções comuns para problemas comuns".

O líder socialista voltou a referir a mutualização da dívida, a necessidade de consolidação fiscal e de uma economia mais dinâmica.

Schulz e Seguro estão de acordo quanto aos pontos-chave para o crescimento e mudança na Europa e em Portugal. Por isso mesmo foi apresentado pelos partidos socialistas da Europa em Março "um manifesto, onde o instrumento da mutualização está concretizado", declarou o líder socialista.

Refere, no entanto, que "será intransigente na defesa do que for melhor para os portugueses" ainda que isso traga divergências no seio da família socialista europeia. Martin Schulz agradeceu o "apoio permanente dos amigos portugueses" e referiu que a Europa tem que "combinar disciplina orçamental com apoio ao investimento", sobretudo investir na economia real, por contraponto aos mercados especulativos. Defendeu ainda a necessidade de regulamentar a fuga fiscal da Europa, e que as empresas paguem impostos nos mercados onde operam, e lembrou que há um "outro lado da Europa", com pobreza e onde a justiça social nem sempre é assegurada. ■

INVESTIR NAS PME É CRUCIAL PARA EUROPA

Num jantar com empresários, sindicalistas e académicos, no Porto, o atual presidente do Parlamento Europeu avisou que "chegou o tempo de as políticas terem o controlo dos mercados e não o contrário". Martin Schulz teceu duras críticas à política económica que tem sido seguida na Europa e adiantou algumas das suas prioridades caso seja eleito presidente da Comissão Europeia.

Salientou a urgência do aprofundamento da União Económica e Monetária e sustentou que a Europa deve criar um instrumento que impeça os Estados de colapsar. "A crise mostrou que é hora de completar a

zona euro", afirmou, assegurando ainda que outra das suas principais prioridades será o apoio às PME.

"Se for presidente da Comissão Europeia vou defender a criação de um programa de apoio a Pequenas e Médias Empresas", assegurou, acrescentando que "investir na próxima geração e nas PME é a chave para encontrar uma solução para a Europa".

Sobre a situação de Portugal, Martin Schulz disse ter o maior respeito pelos portugueses e lamentou que "uma geração que não causou a crise tenha de a pagar" e que "milhares de jovens tenham feito a escolha difícil de abando-

nar famílias e amigos porque não veem futuro em casa".

O cabeça de lista do PS ao Parlamento Europeu Francisco Assis alertou para a necessidade de uma rutura em Portugal e na Europa. Neste jantar no Porto, Assis elogiou Martin Schulz e descreveu-o como "um grande amigo de Portugal".

"É um homem da esquerda democrática europeia e profundo conhecedor de todos os temas da Europa", afirmou, acrescentando que é "alguém que representa uma outra visão possível para a Europa".

Para Francisco Assis, no dia 25 de maio vai surgir uma nova esperança em Portugal e na Europa. ■

VOTE NA MUDANÇA

A importância do voto das mulheres nas europeias

ISABEL COUTINHO*



O DIA 25 DE MAIO está à porta. Não podemos ficar em casa. É um dever cívico votar. E nós, mulheres, sabemos que a percentagem de abstenção nas eleições europeias é grande. Por isso, unidas, uma vez mais, e, mais do que nunca, temos de apelar para que, em massa, todas exerçam o seu direito de voto. Tudo faremos para que a voz das portuguesas seja ouvida não só em Portugal mas também no Parlamento Europeu (PE).

Não esqueçamos que o direito de voto nas mulheres reaviva a luta pela igualdade de direitos entre os sexos e a conquista do direito à participação ativa da mulher na esfera política, que cada vez mais vem ganhando corpo.

Por isso, não deixemos em vão todas estas batalhas até hoje conseguidas. Enquanto mulher, enquanto líder de um Departamento do qual muito me orgulho em fazer parte e enquanto também candidata ao Parlamento Europeu, apelo para que

todas as mulheres saiam de casa no dia 25 de maio e votem. E votar PS é sem dúvida a melhor opção.

Só o Partido Socialista nos apresenta a alternativa. Este é o momento de darmos um Novo Rumo a Portugal e à Europa. Este é o momento de exigirmos a Mudança! Queremos mudar a Europa, para começarmos também a mudar em Portugal. Mas esta Mudança só será possível se cada uma de nós convenceremos os nossos familiares e amigos a votar PS nestas eleições para o Parlamento Europeu.

Só o voto no PS fará a diferença na Europa, tal como só o voto no PS fará a diferença em Portugal. E nós, socialistas, apresentamos uma lista muito forte, capaz de dar resposta a muitos dos problemas.

Temos uma lista bastante sólida e preparada para defender Portugal na Europa. Uma lista nunca antes vista na história da democracia portuguesa. Uma lista totalmente paritária. Uma lista composta pelo mesmo nú-

mero de homens e mulheres, o que demonstra claramente os nossos valores de igualdade.

Precisamos de um compromisso vinculativo para acabar com o fosso salarial e as diferenças de pensões entre homens e mulheres. Defendemos os valores da igualdade e da não-discriminação entre mulheres e homens no momento de partilhar o trabalho, o poder, o tempo e a divisão de tarefas, tanto na esfera pública, como na privada.

É nossa premissa conciliar a vida profissional e familiar, o que significa promover maior equilíbrio e não sacrifício. Assim, é imperativo que marquemos a diferença no PE para poder dar força aos valores e propostas que defendemos para Portugal.

Só o voto no PS pode contribuir para mudar a Europa, derrotar os partidos do Governo e dar um novo rumo ao projeto europeu.

Nós, mulheres, temos também o poder de Mudar!

* Presidente do DNMS e candidata ao PE

NÃO QUERO QUE NINGUÉM DECIDA POR MIM

JOSÉ JUNQUEIRO



“Vamos decidir entre um modelo europeu, fiel à sua matriz humanista, e aquele que a direita há muito nos impõe e se resume a isto: trocar as pessoas e a solidariedade intergeracional pelo egoísmo dos mercados e a respetiva especulação financeira

A democracia deu-nos a possibilidade de podermos escolher e participar nas decisões coletivas. O que vamos fazer no próximo dia 25 de maio é precisamente uma escolha.

Vamos decidir entre um modelo europeu, fiel à sua matriz humanista, e aquele que a direita há muito nos impõe e se resume a isto: trocar as pessoas e a solidariedade intergeracional pelo egoísmo dos mercados e a respetiva especulação financeira.

Entre nós, a maioria neoliberal PSD/CDS pertence à mesma família europeia atualmente no poder. Ideologicamente, defende o poder dos mais fortes sobre os mais fracos, os privilégios de uns poucos sobre os direitos de muitos. Já assim tinha sido nos tempos da ditadura. É assim que esta direita quer que volte a acontecer em tempos de democracia.

Só o nosso voto pode impedir esse desígnio ideológico e só a nossa participação decidida pode fazer a “Mudança”. Temos, por isso, o dever cívico de votar e participar nesta escolha, decidir bem em prol de um bem maior: mudar na Europa para mudar em Portugal. Nós, PS, pertencemos à família dos Socialistas e Democratas (S&D) europeus, uma esquerda moderna e solidária, que investe na igualdade de oportunidades, na sociedade do conhecimento, em melhor competitividade e mais emprego.

Queremos construir o reencontro entre eleitos e eleitores, num espaço chamado “Confiança”, onde todas as gerações são decisivas, sobretudo as mais jovens. Para estas queremos mais e melhor emprego, mais e melhores qualificações, mais e melhor futuro. Queremos que olhem para a Europa, tal como para Portugal, não como um constrangimento, mas como uma oportunidade.

Hoje estamos pior e não melhor. Este Governo tinha-nos prometido o contrário. Enganou-nos. Ao desemprego somou a destruição de postos de trabalho e quer, agora, ainda mais despedimentos e mão-de-obra mais barata, quer consolidar a via do empobrecimento. Negou o futuro aos jovens, apontou-lhes o caminho da emigração, atacou os funcionários públicos, os pensionistas, os reformados, os que trabalharam uma vida inteira e confiaram ao Estado as suas poupanças. A todos cortou radicalmente nos seus rendimentos.

Este Governo prometeu que não subiria mais os impostos e, afinal, acabámos de saber que os cortes provisórios passaram a definitivos e que aumentou o IVA, a ADSE e aplicou a TSU. Voltou a enganar-nos. Quero a mudança e, por isso, domingo vou votar. Não quero que ninguém decida por mim. ■

APOIO À VÍTIMA Mulheres Socialistas contra políticas de retrocesso



“**AS OPÇÕES** políticas de uns poucos podem conduzir um povo não à felicidade e prosperidade, como seria sua obrigação, mas a um povo oprimido, pobre e escravo. Pode tornar um povo inteiro num amontoado de vítimas”, alertou a secretária nacional das Mulheres Socialistas, Isaura Martinho, num debate sobre a diretiva comunitária de apoio à vítima promovido pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Isaura Martinho sublinhou que, na política nacional, “é urgente um olhar atento e crítico no retrocesso que muitas das políticas aplicadas es-

tão a ter na vida das pessoas, principalmente nas que se encontram na condição de vítima”, uma vez que “em Portugal encerram-se tribunais, esquadras de polícia, serviços de saúde e sociais”. A dirigente das Mulheres Socialistas defendeu que “o Estado não pode mais negligenciar os seus deveres para com os seus cidadãos, especialmente para com aqueles que mais precisam”.

Face à atual política de insensibilidade social e cortes cegos do Governo, Isaura Martinho perguntou: “Se o problema são os custos (hoje é apenas isso que conta), não

fica mais caro ao Estado manter uma pessoa constantemente de baixa psicológica, do que prestar apoio efetivo à vítima quando ela necessita dele?”.

Na sua intervenção, a secretária nacional das Mulheres Socialistas salientou ainda que “a defesa do cidadão e a luta constante por uma sociedade mais justa estão inscritas na génese do Partido Socialista”, reiterando a disponibilidade para “um diálogo permanente com a APAV e todas as organizações que zellem pelos direitos humanos e pelo bem-estar da nossa sociedade”. ■ **J. C. C. B.**

COLOSSAL ESTENDAL

Foi verdadeiramente difícil escolher as 20 mentiras mais ilustrativas do que tem sido a ação do Governo nestes três anos de empobrecimento e destruição do Estado Social.

Na campanha eleitoral que precedeu a sua chegada ao poder, o candidato Passos Coelho presenteou os portugueses com mãos-cheias de promessas que não pensava cumprir e com afirmações e negações que se revelaram, pouco depois, totais "inverdades".

Mas nada supera a avalanche de mentiras da Direita que, sem dúvida alguma, é o maior exemplo do retrocesso económico da democracia em Portugal. A fechar, e como cerejas na torta, estão as mentiras que o "Acção Socialista" não

"Vamos ter de cortar em gorduras e de poupar. O Estado vai ter de fazer austeridade, basta de aplicá-la só aos cidadãos."

"Queremos transferir parte dos sacrifícios que se exigem às famílias e às empresas para o Estado"

"Se formos Governo, posso garantir que não será necessário despedir pessoas nem cortar mais salários para sanear o sistema português."

"A ideia que se foi gerando de que o PSD vai aumentar o IVA não tem fundamento."

"Como é possível manter um governo em que um primeiro-ministro mente?"

"Ninguém aconselhou os portugueses a emigrarem."

«Os impostos têm um efeito recessivo sobre a economia. A ideia que se foi gerando em Portugal de que o PSD vai aumentar o IVA não tem fundamento»

"A única alternativa a isso [descida da taxa social única] é cortar salários e eu recuso fazer isso"

"No dia em que tiver de aumentar impostos por erros políticos meus ou do Governo aceito a crítica de que fiz o que não tinha prometido"

"Despedir-se ou ser despedido não tem de ser um estigma, tem de representar também uma oportunidade para mudar de vida."

"O Governo não está a preparar um aumento de impostos. Não estamos a pôr porcaria na ventoinha e a assustar os portugueses."

"Não podemos perpetuar este nível de fiscalidade para futuro, senão o país não consegue desenvolver-se."

"Temos de mexer nas pensões, temos de mexer nas despesas de saúde, temos de mexer nas despesas de educação."

"É preciso destruir o mito de que o Governo está a provocar recessão."

"O Governo não tem um modelo de salários baixos e de desemprego para o país."

DE MENTIRAS

cha de mentiras que se seguirem, já investido como chefe do Executivo de alguma, ficará para os anais da história da nossa democracia como o camponês e social.

o topo do bolo, dois "tesourinhos" que se tornaram públicos e notórios e não podia deixar de lembrar neste colossal estendal de mentiras. **M.R.**

"O PSD chumbou o PEC 4 porque tem de se dizer basta: a austeridade não pode incidir sempre no aumento de impostos e no corte de rendimento."

"Já ouvi o primeiro-ministro dizer que o PSD quer acabar com o 13.º mês, mas nós nunca falámos disso e é um disparate."

"Se vier a ser necessário algum ajustamento fiscal, será canalizado para o consumo e não para o rendimento das pessoas."

"Vale pouco a Constituição proteger direitos sociais se o Estado não tem dinheiro para os pagar."

"Apesar de tudo, o Governo tem o cimento suficiente para poder dizer ao país que não é entre o PSD e o CDS-PP que se gerará uma situação de crise no país."

TESOURINHOS

"O meu filho está morto para se livrar disto."
António Passos Coelho,
pai do primeiro-ministro, ao jornal i,
22MAI2013

"Apresentei hoje de manhã a minha demissão do Governo ao primeiro-ministro. (...) Com a apresentação do pedido de demissão, que é irrevogável, obedeco à minha consciência"

Paulo Portas, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, 02JUL2013

QUADRO ESTRATÉGICO COMUM E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



JOÃO SEQUEIRA

“ Num contexto de grave crise económica e social e em que os fundos europeus são a única fonte de investimento com dimensão disponível, era fundamental que se tivessem debatido de forma esclarecida e participada as opções políticas do QEC

O espaço público despertou recentemente para a problemática da aplicação dos fundos comunitários (2014-20). De montante a jusante da preparação do Quadro Estratégico Comum (QEC) foi gritante a falta de informação e estratégia. Num contexto de grave crise económica e social e em que os fundos europeus são a única fonte de investimento com dimensão disponível, era fundamental que se tivessem debatido de forma esclarecida e participada as opções políticas do QEC. Portugal é hoje um território estilhaçado quanto à organização político-administrativa. A administração desconcentrada do Estado é um mosaico confuso e desarticulado, funcionando sem qualquer tipo de coordenação político-territorial ou racionalidade estratégica.

As Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) são meros serviços periféricos da administração direta do Estado sem dimensão política e as mal nascidas "novas" entidades Intermunicipais retalham o território sem a legitimidade política e capacitação institucional necessárias para equacionarem e resolverem as questões regionais. Tome-se como exemplo o distrito de Santarém. Dividido em duas sub-regiões (Lezíria e Médio Tejo), integra a CCDR de Lisboa e Vale do Tejo (LVT). No entanto, a gestão dos fundos comunitários é repartida entre as CCDR do Alentejo e do Centro e o Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e do Vale do Tejo – que abarca todo o distrito e é o documento fundamental para a definição dos programas de ação cofinanciados pelos Fundos europeus – foi elaborado e é executado no âmbito da CCDR-LVT.

Neste cenário de esquizofrenia político-institucional como é que podem ser desenhadas verdadeiras políticas de desenvolvimento regional? Que estratégia deverá estar subjacente a essas políticas? E que modelo de governação deverá corporizá-las? Estas são algumas das questões que devem ser debatidas e a que urge dar resposta. Infelizmente, aquilo a que temos assistido, da parte do governo, é uma penosa e confrangedora ausência de pensamento, estratégia e ação. ■

Marques Júnior recordado na AR

O Parlamento prestou homenagem ao deputado e capitão de abril, António Marques Júnior, que faleceu no último dia do ano de 2012. Foram muitos os deputados e convidados que compareceram na cerimónia de homenagem a Marques Júnior na Assembleia da República, “um homem bom e um cidadão exemplar, que ajudou a construir a democracia em Portugal” como salientou António José Seguro, lembrando a sua generosidade e “total entrega cívica”.



COM A SUA MORTE, disse o líder do PS, “o país perdeu um democrata e um patriota convicto que defendia os princípios e os valores de abril que ajudou a fazer” e o Partido Socialista “um dos seus melhores militantes”.

Também o ex-Presidente da República Jorge Sampaio recordou Marques Júnior, definindo-o como “um democrata e figura incontornável do 25 de abril”. “Morreu um homem bom”, disse Sampaio, mas “fi-

ca-nos o seu exemplo de vida e a memória de um homem autêntico, generoso, honesto, um homem de afetos, com convicções fortes e genuínas”. Vasco Lourenço falou de Marques Júnior como uma perso-

nalidade “sempre coerente com a defesa dos valores da liberdade, da democracia, da justiça social e da paz e dos valores de abril” e um dos “expoentes máximos do MFA, que dignificou com a sua ação”.

Marques Júnior foi deputado entre 1985 e 2011, tendo sido também vice-presidente do Parlamento português e membro das comissões política e nacional do Partido Socialista. ■ **R.S.A.**

HOMENAGEM AOS PRESIDENTES DA FAUL

Socialistas mobilizados para vencer

“A MUDANÇA está nas mãos de cada um de nós. O 25 de abril deu-nos o poder da mudança”, afirmou António José Seguro num jantar de homenagem aos antigos líderes da FAUL, onde reiterou que “o PS é o único partido que oferece nas eleições europeias uma alternativa responsável” à direita que governa o país e tem a maioria na Europa. Perante largas centenas de socialistas no pavilhão do Casal Vistoso, o secretário-geral do PS acusou o atual primeiro-ministro de fazer do “engano a matriz do seu Governo”, apontando, entre outros exemplos, “a transformação em definitivos cortes que disseram ser provisórios”.

Antes, o cabeça de lista do PS às eleições europeias, Francisco Assis, afirmou que “aqueles

que hoje dizem não ser possível outra Europa, também diziam que não era possível, em 1974, outro Portugal”, adiantando que os socialistas não aceitam “uma Europa a duas velocidades, de ricos e pobres”, mas antes “uma Europa que seja de progresso, de paz, desenvolvimento e de justiça”.

Outro dos oradores foi Jorge Coelho que defendeu que “o PS não pactuará com os ataques que o Governo mais à direita destes 40 anos de democracia está a fazer às conquistas de abril, querendo transformar Portugal num país quase tipo Vietname”. “Custe o que custar, temos de ganhar as próximas eleições europeias, para podermos ter uma grande vitória nas próximas legislativas”, concluiu.

Marcos Perestrello, atual pre-



sidente da FAUL recordou na intervenção todos os seus antecessores no cargo: Rodolfo Crespo, Palma Inácio, Pedro Coelho, Mário Sottomayor Cardia, Álvaro Neves da Silva, João Proença, António Costa, João Soares, Jorge Coelho, Edite Estrela e Joaquim Raposo. Marcos Perestrello começou por lembrar que “a FAUL pouco seria se não fossem os seus militantes, as suas concelhias e as suas secções”, salientando que “o país aproxima-se de

ANTÓNIO JOSÉ SEGURO

“Um partido que não tem memória é um partido sem futuro”

um momento eleitoral decisivo”. Mas, frisou, “o PS está hoje onde sempre esteve. Está ao lado dos portugueses e luta-

rá para defender Portugal e os portugueses”.

No primeiro discurso da noite, o líder da Concelhia do PS/Lisboa, Duarte Cordeiro, acusou o Governo de ter provocado no país “um enorme retrocesso económico e social”, o que prova que “abril é um projeto inacabado”. Duarte Cordeiro sublinhou ainda que “o 25 de abril mostrou que não há liberdade sem justiça social e sem redução das desigualdades”. ■ **J. C. CASTELO BRANCO**



Aumento da ADSE é um autêntico imposto

“O GOVERNO acaba de diminuir em 1% o salário dos trabalhadores da Função Pública abrangidos pela ADSE e outros subsistemas de saúde”, afirmou o secretário nacional do PS, João Proença, numa reação ao aumento da contribuição para a ADSE de 2,5% para 3,5%, que disse ser “um autêntico imposto”.

João Proença adiantou que a esta subida dos descontos para a ADSE somam-se os recentes aumentos do IVA e da taxa social única, “numa política continuada de empobrecimento e de diminuição de salários e pensões”.

Para o dirigente socialista, trata-se de “uma medida que em nada se justifica, porque o primeiro-ministro explicou que não tinha a ver a com a sustentabilidade financeira. É um autêntico imposto”. João Proença reiterou que o PS quer uma ADSE “financeiramente equilibrada”, mas recusa que esta “contribua para aumentar as receitas do Estado”.

O dirigente socialista desafiou ainda o Governo a revelar quais as obrigações que assumiu na carta de compromissos com o FMI, alertando que a coligação de direita tem assumido como objetivo uma maior desregulação laboral e pôr em causa a contratação coletiva. ■ **J.C.C.B.**

FOTOGRAFIAS COM HISTÓRIA



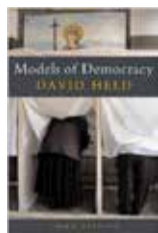
1 MAIO 1974

O INESQUECÍVEL 1º DE MAIO DE 1974

Manuel Tito de Morais, Palma Inácio e Maria Barroso na inesquecível comemoração do 1º de maio de 1974. Após décadas de repressão, os portugueses festejavam pela primeira vez em liberdade o Dia do Trabalhador. ■ **J. C. C. B.**

LIVROS

SUGESTÕES DE RUI PAULO FIGUEIREDO



MODELS OF DEMOCRACY

David Held oferece uma introdução às temáticas

centrais da democracia, partindo da Grécia clássica até ao presente, numa proposta de discussão crítica do que a democracia deve significar hoje.

Esta nova edição da obra de Held foi extensamente revista e atualizada para levar em conta as transformações significativas na política mundial, e um novo capítulo foi adicionado em democracia deliberativa que se concentra não só sobre a forma como a participação dos cidadãos pode ser aumentada na política, mas também sobre a forma como essa participação pode tornar-se mais informada. A terceira edição de “Models of Democracy” combina exposição lúcida com clareza de expressão e originalidade, tornando-se altamente atraente para estudantes e especialistas na área.



EUROPA TRÁGICA E MAGNÍFICA

Teresa de Sousa

Ligado a um dia da Europa - 9 de maio -

que passou sem grande alarde, para espanto de todos aqueles que sabem a importância para Portugal de tudo o que se mexe na dinâmica europeia, este livro teve um lançamento discreto, mas não por isso dispensa leitura.

Trata-se de uma compilação de textos publicados pela jornalista Teresa de Sousa, especialista em assuntos europeus e internacionais, ao longo de vários anos, no jornal “Público”, e nos quais se espelham apreciações sobre o panorama internacional e, muito particularmente, as que mantém sobre a vida na Europa comum, o que esta obra imperdível para quem se preocupa com o futuro do continente e do seu projeto de integração. ■

Quente & Frio

A ESCALDAR DESIGUALDADES SOCIAIS

As desigualdades sociais têm aumentado em Portugal de forma crescente, nos últimos três anos. O fosso entre ricos e pobres atingiu patamares só comparáveis ao período anterior ao 25 de abril de 1974. Perante esta realidade compreende-se o conselho que Francisco Assis deu a Rangel: que fosse festejar a “safda limpa” da troika com os desempregados ou com os jovens que tiveram que emigrar.

QUENTE PROPOSTAS DO PS INCOMODAM A DIREITA

A divulgação pública do Contrato de Confiança que o PS apresentou na Convenção Novo Rumo, onde constam as bases programáticas do futuro governo socialista, deixou os partidos do Governo à beira de um ataque de nervos. Os mesmos que andaram três anos a chumbar todas as propostas do PS, mostram-se agora acossados por entenderem, se é que já não tinham percebido há muito, que há uma verdadeira alternativa à desastrosa política deste Governo. O PS teve a coragem de tornar públicas as suas propostas, enquanto o Governo continua a esconder as suas e a não divulgar a carta de intenções que dirigiu ao FMI, onde defende mais cortes nas pensões, despedimentos e mais sacrifícios para a classe média.

FRIO PRIORIDADES ALTERADAS

O PCP não aprende nem com a História, nem com a vida. Depois de ajudar objetivamente a derrubar o anterior Governo socialista, abrindo as portas a um Governo de direita que segue uma ideologia extremista e ultraliberal, apenas encontra no PS o seu único e verdadeiro adversário. Trata o atual Governo de direita radical como um caso de simples resolução e o PS como o inimigo a abater. Razão tem Francisco Assis quando acusa o PCP de esquecer a direita e canalizar todas as suas energias contra o PS, lamentando que os comunistas se enganem em relação ao adversário principal.

GELADO DIREITA SEM IDEIAS

Depois de atirar Portugal para a maior tragédia social e económica de que há memória nos últimos 40 anos, os partidos da direita radical, pela voz do seu cabeça de lista ao Parlamento Europeu, como não têm uma única proposta séria para apresentar aos portugueses que não seja cortes e mais cortes nos rendimentos de quem trabalha, não encontraram nada melhor do que criticar as propostas socialistas. A reação do PS, pela voz de Francisco Assis, não se fez esperar. Assis acusou o Governo de ter provocado recessão, destruição do tecido económico, destruição da classe média, desemprego e de ter lançado muita gente para a miséria. ■ **R.S.A.**



É PRECISO VOTAR

ANTÓNIO GALAMBA*

“Esqueçam as intenções, é tempo de ação, é preciso votar e mobilizar a votar”

Não se sabe o que esconde a carta de intenções do Governo para a troika, sabe-se que abre a porta para novos cortes nos salários, por exemplo, ao nível da contratação coletiva, mas há quem tenha a intenção de não ir votar.

O primeiro-ministro continua a não dizer que repartições de finanças e que escolas do ensino básico com menos de 21 alunos vão fechar após as eleições, mas há quem pense em ficar em casa a descansar ou ir à praia no domingo.

A conversa fiada das reposições dos rendimentos dos funcionários públicos em 2015 é desmentida pelos aumentos para a CGA e para a ADSE, mas há quem ache que podia ter sido pior. A carga fiscal aumentou 8,1% entre 2012 e 2013, continua a aumentar, enquanto a economia desacelera no primeiro trimestre, mas a maioria só pensa em abrir garrafas de espumante.

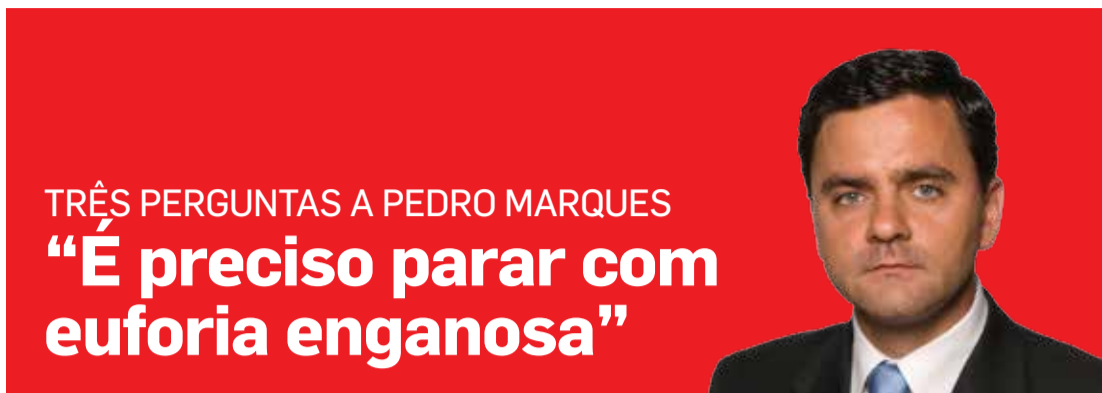
Não se sabe quais são as intenções de Passos e Portas para o futuro, sabe-se que será sempre mais do passado recente. Com os antecedentes de desemprego, de austeridade, de pobreza e de emigração só se pode esperar o pior, mas há quem pense que para dar algum sentido à participação cívica bastam uns desabafos no café, uns pensamentos nas redes sociais ou umas bocas com os vizinhos.

Pois bem, se os capitães de Abril tivessem ficado por conterem no peito um sentimento de revolta sem ação, sem consequência e sem sentido útil, alguns hoje podiam ficar em casa, ir à praia, acharem que podia ser pior, mas não podiam dizer nem fazer nada e muito menos podiam aspirar a mudar o que quer que fosse.

Esqueçam as intenções, é tempo de ação, é preciso votar e mobilizar a votar.

Com contributos mais ou menos anónimos, são 40 anos de muitos avanços e agora de demasiadas ameaças para que um qualquer egoísmo, conformismo ou resignação individual se sobreponha à importância patriótica de votar, na única hipótese de derrotar o Governo e de contribuir para mudar as políticas na Europa: o VOTO NA MUDANÇA, O VOTO NO PARTIDO SOCIALISTA.

* Secretário Nacional do PS



O INE divulgou dados que evidenciam uma travagem no PIB no primeiro trimestre de 2014. Como encarar esta realidade?

Os dados do INE devem servir de importante aviso à navegação, em particular para o Governo e para todos aqueles que foram embandeirando em arco os resultados dos trimestres anteriores.

A prudência que tivemos então é a que mantemos agora. Esperamos que a economia portuguesa possa rapidamente sair desta situação complicada, mas também avisámos que as expressões e as referências triunfais de milagre económico, das exportações como o porta-aviões da recuperação do país, não ajudavam nada à situação de Portugal.

Então, o Executivo errou ao escolher essa visão triunfalista?

Sim, totalmente, porque os sinais eram mais que muitos de

que a tão falada recuperação económica não tinha sustentação. Se repararmos, ao longo do primeiro trimestre deste ano vários indicadores relativos à produção industrial, ao consumo de eletricidade, ao comércio a retalho, entre outros, foram apontando para este risco de uma nova travagem da economia portuguesa. E o Governo continuava a dizer às pessoas, em ambiente de evidente pré-campanha eleitoral, que tudo estava a melhorar e que os sinais apenas demoravam mais a chegar aos cidadãos.

Agora vemos com mais clareza que é preciso parar com este tipo de euforia e qual é a realidade da economia portuguesa à saída da troika: ao mesmo tempo que se espera que Portugal apresente a terceira taxa de desemprego jovem mais alta da Europa, temos uma queda em cadeia de 0,5% do PIB no primeiro trimestre, que é também o terceiro pior desempenho económico da zona euro.

O que fazer?

É preciso parar com a euforia enganosa e com a adoção de novos cortes. A novidade, em termos de política económica e orçamental, entre o quarto trimestre de 2013 e o primeiro de 2014 é precisamente a adoção pelo Governo de mais 4 mil milhões de euros em cortes nos rendimentos e nas pensões. O Executivo insiste na ideia de corte sobre corte e de ataque sistemático à procura interna. Os resultados vão aparecendo e até as exportações líquidas dão sinais de travagem.

Por isso, prudência e realismo precisam-se neste Portugal que, à saída da troika, não tem a sua transformação estrutural feita nem sustentada. Por outro lado, os sinais que o Governo dá no sentido da continuação desta política são muito negativos, com o anúncio de aumento do IVA, mais cortes nas pensões e aumento da TSU para 2015. Tudo isto terá graves consequências. **M.R.**

ACÇÃO SOCIALISTA HÁ 30 ANOS



24 MAIO 1984 GOVERNO VAI ATACAR PROBLEMAS DE FUNDO

O grande destaque da edição de 24 de maio de 1984 do “Acção Socialista” foi a conferência de Imprensa de Mário Soares e Mota Pinto, primeiro-ministro e vice-primeiro ministro do Governo do Bloco Central, onde foram anunciadas várias medidas inseridas numa nova “fase estrutural” da vida económica e social de Portugal. **J. C. C. B.**